



DEAN, W. Brazil and the struggle for rubber ; a study in environmental history.
Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 234p.

Warren Dean, norte-americano, é historiador e integrante do Departamento de História da New York University. É conhecido do leitor brasileiro por causa de dois bons textos, também sobre o Brasil, publicados na década de 1970: *A Industrialização de São Paulo (Difel) e Rio Claro; um Sistema de Lavoura Cafeeira (Paz e Terra)*. Esses estudos pertencem ao campo da histó-

ria social e econômica. Mas **Brazil**¹ reflete a produção acadêmica mais recente de Dean, um dos pioneiros da história ambiental, área acadêmica ainda em formação nos EUA. Dean tem pelo menos quatro artigos publicados sobre temas ambientais brasileiros, como a devastação da Mata Atlântica e a abertura de fronteiras agrícolas.

Brazil é certamente o seu trabalho mais denso e de maior fôlego sobre questões sócio-econômicas brasileiras. Trata do processo de "domesticação" de uma espécie vegetal, a seringueira (*Hevea brasiliensis*), no Brasil e em várias partes do mundo. Ela foi, aliás, uma das últimas plantas submetidas a amplos processos de manipulação pelo Homem. Dean explica a ecologia da *Hevea*, a mais famosa de uma série de espécies vegetais tropicais geradoras de látex (matéria-prima da borracha natural), descrevendo sua ocorrência natural numa extensa região quase toda ao sul do rio Amazonas. Mostra como o látex foi usado por nativos e brancos antes da fase de intensa extração comercial, iniciada em fins do século XIX, e analisa também o famoso "boom" da borracha no Brasil.

Dean reconstitui com minúcias o episódio pelo qual o Brasil veio a perder seu virtual monopólio sobre a borracha. Em 1875, sementes e mudas da *Hevea* foram levadas da Amazônia para Londres pelo aventureiro inglês Wickham. Esse material foi cientificamente manipulado e, mais tarde, serviu para fundar grandes plantações em países do Sul e Sudeste asiáticos. Dean desmistifica o caráter "heróico" ou "criminoso" da empreitada de Wickham, mostrando que ela foi uma de várias operações mais ou menos ostensivas de intercâmbio de espécies vegetais entre países e continentes.

Daf em diante o livro concentra-se em dois conjuntos de fatos. Primeiro, Dean segue o destino das mudas e sementes oriundas do Brasil, mostrando meticulosamente quando, onde, como e com que sucesso elas e suas descendentes foram plantadas na Índia, Ceilão, Indonésia, Java, Sumatra, Filipinas e outros países. Segundo, Dean examina o quase invariável fracasso dos grandes plantios da *Hevea* no Brasil (e ainda nas Guianas, América Central e Caribe).

Dean dá diversas explicações para o fracasso sistemático das plantações brasileiras. Há questões de mercado consumidor, custos de mão-de-obra e de transporte, produtividade, escala, regimes de trabalho, racionalização de plantio, colheita e beneficiamento, etc. Ele mostra também como a classe dos seringalistas amazônicos sempre se opôs às plantações brasileiras, que, se bem sucedidas, liquidariam os seringais nativos sob seu controle.

¹ A edição brasileira está no prelo e sairá pela Editora Nobel, com o título *A Luta pela Borracha no Brasil*.

Mas Dean dedica um capítulo todo a mostrar que o principal motivo do fracasso das plantações brasileiras foi ecológico. Ele mostra como a *Hevea* desenvolveu em seu habitat uma co-evolução adaptativa com um fungo parasita de suas folhas. Na floresta tropical úmida, intocada pelo Homem, o fungo modera sua incidência e poupa muitos espécimes, pelas dificuldades de se reproduzir e de efetivamente se propagar na mata densa. Nas plantações, ao contrário, as milhares ou centenas de milhares de *Hevea* plantadas em carreiras homogêneas facilitam a propagação do fungo. Até hoje, depois de 80 anos de pesquisa, o fungo resistiu a todos os métodos de neutralização e contaminou todas as plantações brasileiras estudadas pelo Autor, inclusive em estados fora da região amazônica. Significativamente, o fungo até hoje não foi registrado nas plantações asiáticas e nas do oceano Pacífico.

No entanto, Dean faz questão de mostrar que esses fracassos não foram exclusivamente "brasileiros". Há um capítulo sobre os fiascos de Henry Ford no plantio de borracha na Amazônia, nas décadas de 20 e 30. Partes de outros capítulos examinam plantações, também frustradas, feitas por empresas estrangeiras, tais como Firestone e Goodyear. A soma dos fracassos dos brasileiros e dos estrangeiros nas plantações em território nacional e a carência da borracha nativa da Amazônia fizeram do Brasil um importador crônico de borracha natural, há várias décadas.

Rigorosamente, o livro de Dean trata tanto do Brasil quanto das grandes plantações de seringueiras em todo o mundo. O conjunto de fontes empregadas é impressionante, incluindo dados censitários, jornais, publicações governamentais, manuais técnicos, entrevistas, discursos, anais de conferências e congressos, discursos parlamentares, leis e regulamentos e até os arquivos de institutos de pesquisa botânica e de várias fazendas e postos experimentais de todo o mundo.

O livro combina auspiciosamente a história natural da seringueira, membro da comunidade natural das florestas tropicais brasileiras, com a história social de sua domesticação pelo Homem. Sob o olhar vigilante do historiador, a seringueira, personagem principal, desloca-se de seu habitat natural para ingressar na história social e econômica, em escala mundial. Atualmente, há preocupação em identificar as riquezas que as florestas tropicais brasileiras têm para oferecer à Sociedade dos homens. Nesta obra de Dean temos uma história completa e atualizada de como uma particular espécie saiu da floresta para entrar para a história. Além dessa particular trajetória do natural ao social, a excelente história ambiental de Dean dá um referencial para imaginar trajetórias análogas em que as florestas sobrevivam e ofereçam benefícios permanentes aos homens.

José Augusto Drummond. Departamento de Ciência Política, UFF.